

PORTFÓLIOS COMO ESTRATÉGIAS DE ENSINAGEM NO ENSINO SUPERIOR EM DANÇA

Jonas Karlos de Souza Feitoza ¹

RESUMO

Este artigo fomenta a relevância da utilização de portfólios no Ensino Superior de Dança como uma estratégia significativa para processos de ensinagem na universidade. Os portfólios vêm ganhando destaque como estratégias de avaliação, na docência do ensino superior, ao proporcionarem uma abordagem formativa, pensada pelo protagonismo do estudante em sua formação acadêmica. Esta pesquisa apresenta experiências atravessadas pela narrativa docente com estudantes da disciplina Estudos Contemporâneos em Dança no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe. Como didática para o ensino superior em dança, os portfólios configuram-se como potentes e sensíveis estratégias de avaliação, alinhadas às especificidades da linguagem artística e à formação integral do estudante. Por meio deles, é possível documentar e refletir sobre processos criativos, técnicas do corpo na dança, investigações conceituais e ressignificar experiências pedagógicas, valorizando não apenas os resultados, mas, sobretudo, os caminhos percorridos. O portfólio permite ao estudante evidenciar seu desenvolvimento técnico, artístico e conceitual ao longo da formação. Para os docentes, oferece uma visão ampla e contextualizada do desempenho acadêmico, permitindo intervenções pedagógicas assertivas. A abordagem metodológica desta pesquisa é de caráter qualitativo, utilizando como referência a pesquisa-ação. Assim, como resultado da pesquisa, o portfólio apresentou-se como uma estratégia fundamental para processos mútuos de conhecimento no ensino da dança no contexto universitário.

Palavras-chave: Portfólio, Ensino Superior em Dança, Estratégia de Avaliação em Dança.

INTRODUÇÃO

A partir da narrativa docente no ensino superior em dança tenho refletido sobre a relevância do uso de portfólios como estratégia avaliativa. Esse instrumento de avaliação tem ganhado destaque como uma abordagem formativa e uma ferramenta pedagógica significativa para o processo de ensino/aprendizagem. A pesquisa que embasa essa discussão foi realizada a partir da experiência como docente na disciplina de Estudos Contemporâneos em Dança, no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe. O objetivo era analisar como os portfólios poderiam ser utilizados como uma didática alinhada às especificidades da dança e à formação integral do estudante.

¹ Docente Adjunto do Departamento de Dança da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutor em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (USP). Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFS). Mestre em Dança pelo Programa de Pós-graduação em dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: jonaskarlos1@gmail.com



A questão norteadora para a escolha dessa estratégia no processo de ensino/aprendizagem em dança estava formulada a partir de: qual é o papel dos portfólios na avaliação de um componente de formação superior em dança? Compreendemos que os portfólios são muito mais do que uma simples coleção de trabalhos. Eles são uma forma de documentar e refletir sobre os processos de aprendizagem, valorizando o percurso do estudante, para além da perspectiva de um resultado final.

Para o estudante, o portfólio é uma ferramenta de protagonismo. Ele permite que o aluno demonstre seu desenvolvimento técnico, artístico e conceitual de forma contínua. É um espaço para registrar e revisitar investigações, técnicas corporais e experiências pedagógicas, ajudando a ressignificar o próprio aprendizado. Para o docente, o portfólio oferece uma visão mais ampla e contextualizada do desempenho de cada aluno. Essa clareza permite ao docente fazer intervenções pedagógicas mais precisas e assertivas, direcionando o ensino qualitativamente.

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa ao utilizar a metodologia da pesquisa-ação. É importante pensar ações pedagógicas constituídas coletivamente entre docentes e discentes. Reconhecer que os processos de avaliação podem provocar outras descobertas a partir de uma perspectiva formativa. Os resultados mostraram que o portfólio é um instrumento de avaliação formativo e significativo para ações mútuas de construção de conhecimento no contexto universitário.

Organizar, documentar, exige reflexão sobre e com o processo de aprendizagem. É uma ferramenta sensível, potente que necessita de criticidade das escolhas do que se quer materializar em sua formação co-implicada com a subjetividade da linguagem artística da dança, de ter ciência de quais relações poderão ser organizadas estruturalmente nos portfólios. Esse recurso avaliativo demanda um comprometimento maior com o componente estudado a partir do instante que os estudantes precisam organizar todo o material estudado no semestre, revisar as leituras, discussões e possíveis registros visuais em relação com suas práticas artísticas.

O portfólio é um meio contínuo para o aluno compartilhar seu desenvolvimento técnico, artístico e conceitual. Isso é particularmente crucial na dança, onde a evolução das habilidades motoras e a investigação conceitual são processos co-implicados. Mais do que uma coleção de registros, o portfólio exige que o estudante documente e reflita sobre seus processos de aprendizagem. Isso inclui revisitar investigações, técnicas corporais e experiências pedagógicas, ajudando a ressignificar o próprio aprendizado.



Essa autorreflexão e a criticidade nas escolhas do que materializar são fundamentais na subjetividade da linguagem artística da dança. O uso deste recurso avaliativo implica um comprometimento maior com o componente estudado, demandando a organização de todo o material semestral, revisão de leituras, discussões e registros visuais em relação às práticas artísticas.

O uso do Portfólio como Ensino em Dança: reflexões da experiência docente

A eficácia do portfólio como didática reside em seu alinhamento com as especificidades da linguagem artística e a formação integral em Dança. O portfólio permite documentar e refletir sobre processos criativos, técnicas do corpo na dança e investigações conceituais, valorizando os caminhos percorridos, não apenas os resultados finais. É descrito como uma ferramenta sensível e potente, co-implicada com a subjetividade da linguagem artística da dança. A possibilidade de incluir diversos tipos de registros (escritos, desenhos, rascunhos, vídeo e foto) torna o portfólio um formato significativamente coerente com o campo da pedagogia da dança.

Para o docente, o portfólio é um instrumento essencial para aprimorar a prática pedagógica. Nos oferece uma visão ampla e contextualizada do desempenho acadêmico de cada estudante. Essa clareza possibilita ao docente realizar intervenções pedagógicas mais precisas e assertivas em coerência com os acordos estipulados no plano o componente.

Ao iniciar o uso dos portfólios com os estudantes, havia a expectativa de que o material servisse especificamente como instrumento avaliativo, diagnóstico e classificatório. No entanto, após percorrido o caminho, entendemos o portfólio como facilitador da construção, reconstrução e reelaboração do processo de ensinagem, ao longo de um curso ou de um período de ensino (Anastasiou, 2010, p. 115).

A utilização de portfólios na educação representa uma mudança significativa na abordagem pedagógica, deslocando o foco da simples mensuração de resultados para a compreensão e o acompanhamento do processo de aprendizagem do estudante. Inicialmente, ferramentas como o portfólio eram vistas primariamente sob a lente da avaliação tradicional, servindo como um meio para classificar, diagnosticar e atribuir notas. Contudo, a experiência prática e a reflexão sobre o seu potencial revelam que a sua função vai muito além da coleta de evidências para fins classificatórios.



As escolhas conceituais que estruturam nossa atuação pedagógica precisam estar em coerência com os pressupostos que defendemos para uma educação dialógica, emancipatória e desvinculada de um ensino dicotômico e hegemônico. Nesse sentido, o conceito de *ensinagem*, proposto pela pedagoga Léa Anastasiou, supera a tradicional dicotomia entre o ato de ensinar e o de aprender, tratando-se de uma ação comprometida com mútuos saberes que se efetiva na parceria consciente entre professor e aluno para a produção de conhecimento (Anastasiou, 2010).

Trata-se de uma ação de ensino da qual resulta a aprendizagem do estudante, superando o simples dizer do conteúdo por parte do professor, pois é sabido que na aula tradicional, que se encerra numa simples exposição de tópicos, somente há garantia da citada exposição, e nada se pode afirmar acerca da apreensão do conteúdo pelo aluno. Nessa superação da exposição tradicional como única forma de explicitar os conteúdos é que se inserem as estratégias de ensinagem (Anastasiou, 2005, p. 20).

O uso do portfólio como eixo de *ensinagem* e avaliação na estruturação do plano de curso do componente demanda uma reflexão consciente da importância que esse instrumento de avaliação revela sobre e com a aprendizagem. Em vez de uma estrutura linear e rígida, o planejamento adquire uma espiral reflexiva e aberta, no qual o processo de aprendizagem do estudante é o principal conteúdo a ser gerenciado.

O planejamento das aulas, por exemplo, no componente Estudos Contemporâneos em Dança, com o uso do Portfólio, esteve pautado em situações didáticas que provocassem à reflexão sobre uma prática de dança para além da aplicabilidade de passos e conceitos sobre o corpo em movimento. Para esse compromisso com o ensino da dança, as aulas devem estar planejadas com momentos específicos de criticidade sobre os materiais disponibilizados (vídeos sobre obras artistas, textos e exercícios propostos nas aulas), ou seja, aulas dedicadas para que os alunos reflitam sobre o próprio ato de aprender.

Sabemos que a constituição esboçada no plano de curso de um componente de ensino é uma escolha política. A questão central a ser planejada não é apenas o que o aluno aprendeu sobre um coreógrafo, um espetáculo ou um grupo de dança, mas, sim, como esse estudante documenta e reflete sobre a relação dos conceitos estudados com sua própria pesquisa artística e de como o sentido da experiência reverbera para fora dos muros da universidade. Esse fato é importante uma vez que estamos entendendo que qualquer estado do aprendizado, ressoa, por exemplo, no itinerário de casa, trabalho etc.



O portfólio, ao valorizar o protagonismo, impulsiona a necessidade de um planejamento mais flexível e pensado de modo individualizado para com a turma de estudantes. Em vez de propor roteiros padronizados, o docente pode conceber módulos temáticos, por exemplo, a dança e as tecnologias digitais ou a relação entre Dança e Política, e permitir que o estudante escolha seu recorte de investigação dentro desse guarda-chuva de possibilidades de discussão. O registro visual, escrito ou performático do processo torna-se, assim, uma estratégia didática que não cessa.

A elaboração de um plano de aula implica no comprometimento de pensarmos, de reservar tempo para o *feedback* individual e personalizado. No ensino universitário, as demandas são muitas, mas, ao gerenciarmos as estratégias, alinhadas com os objetivos, conseguimos acompanhar os diversos caminhos que cada portfólio possa vir a tomar, oferecendo, indubitavelmente, orientações específicas que nutram a singularidade do percurso de cada estudante. O sucesso do portfólio não está em ter o mesmo formato para todos, mas, em cada um construir a que melhor evidencie seu desenvolvimento técnico/artístico/conceitual.

É importante levarmos em consideração que o uso do portfólio é formativo e uma das condições de materialização da avaliação. Desvinculá-la de uma estruturação final e somativa sobre os estudos do componente. O planejamento de aulas, desde o primeiro encontro, precisa ser pensado em co-construção, especificamente, sobre os critérios de avaliação para e com os estudantes. Juntos, docentes e discentes, definimos o que significa documentar as pesquisas artísticas no decorrer do semestre.

Dessa forma, a avaliação se torna o eixo orientador do ensino, garantindo que todas as atividades propostas – a leitura de um artigo, um laboratório de improvisação, a análise crítica de um espetáculo – sejam, intencionalmente, planejadas como material potencial para o portfólio. O planejamento do professor passa a ser, consideravelmente, um planejamento de provocações em organização com os estudantes em um contrato de ensino crítico e de ressignificação das experiências. Um espaço assertivo de reflexão sobre e com o fazer artístico-acadêmico.

A tessitura do portfólio na dança, enquanto dispositivo de acompanhamento e avaliação da aprendizagem, encontra uma profunda ressonância na perspectiva do saber da experiência proposta por Jorge Larrosa. Se a *ensinagem* (Anastasiou, 2010) pressupõe uma mediação dialógica e transformadora, o portfólio se configura como o palco onde essa experiência pedagógica é capturada, refletida e, crucialmente, convertida em saber.



Para Larrosa (2019), a experiência não é meramente o que nos acontece, mas, sim, o que nos passa, aquilo que nos toca, nos atravessa e nos transforma. Nesse sentido, o registro no portfólio, seja por meio de anotações, vídeos, reflexões escritas sobre a performance ou rascunhos coreográficos, transcende o simples *checklist* de habilidades técnicas. Ele materializa o processo de sensibilidade, de singularidade e de formação do sujeito/dançarino/aluno, permitindo-lhe dar voz e forma ao seu percurso.

A experiência na dança, mediada pelo corpo e pelo movimento, é efêmera por natureza. O portfólio atua, portanto, como uma estratégia de memorização reflexiva, fixando o fugaz e tornando-o acessível à análise. Em consonância com Larrosa (2019), o saber que emerge da experiência é aquele que está ligado à paixão, ao sentido e à modificação de si. Na atuação docente, o portfólio se torna a ferramenta que incentiva o estudante a escutar o que a dança lhe diz, a materializar o pensar que seu corpo está aprendendo e a testemunhar a própria transformação. Ao ser convidado a relatar o que sente ao improvisar, o que aprende ao errar um passo ou como entende a intenção de um movimento coreografado, o estudante mobiliza um saber que não é apenas informativo ou teórico, mas existencial. Desse modo, o portfólio não apenas avalia o resultado, mas, ratifica a trajetória e o caráter formativo da experiência da dança, transformando a sala de aula em um espaço de significativa formação e reflexão crítica.

Torna-se relevante salientar que o uso do portfólio não se encerra na dimensão didática da *ensinagem*, mas culmina em uma dimensão ética e política da formação. Se o saber da experiência está intrinsecamente ligado à passagem e à modificação de si, o ato de avaliar o portfólio na dança não pode ser uma mera atribuição de nota, mas, o reconhecimento do valor e do sentido que o estudante conferiu ao seu próprio processo.

O portfólio se transforma em um testemunho que o aluno oferece sobre o que o tocou e o que formou em sua trajetória (Larrosa, 2019), exigindo do docente uma postura de escuta e acolhimento em vez de uma punição. A avaliação, nesse quadro, passa a ser um momento de devolutiva e de diálogo sobre o percurso singular, valorizando o inédito e o pessoal do saber que emerge da prática corporal. Assim, o portfólio na dança, ao incorporar o saber da experiência, reumaniza o processo avaliativo, focando na formação integral do sujeito, e não apenas na performance técnica, ratificando a relevância da experiência docente reflexiva no campo da arte-educação.

METODOLOGIA



A pesquisa que embasou este artigo adotou uma abordagem qualitativa, utilizando a Pesquisa-Ação (Thiollent, 2022) como estratégia metodológica. Esta escolha se justifica por seu foco na reflexão e intervenção na própria prática pedagógica, sendo ideal para estudos que buscam promover mudanças e aprimorar o processo de *ensinagem* (Anastasiou, 2010) em contextos de ensino co-implicados com o saber da experiência (Larrosa, 2019), como o curso de Licenciatura em Dança.

O estudo foi realizado com 22 estudantes da disciplina Estudos Contemporâneos em Dança, no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe (UFS), no semestre letivo 2025.1, com dois encontros presenciais e carga horaria total de 04 horas semanais. É importante ratificar que nesse semestre letivo o portfólio foi integrado não apenas como um instrumento de avaliação, mas como o próprio eixo didático do componente curricular.

A Pesquisa-Ação foi estruturada em 03 ciclos contínuos, composto por planejamento, laboratórios de improvisação, observação e reflexão, diretamente ligados ao plano de curso do componente:

1. Planejamento (Início do Semestre): O planejamento de aulas incluiu, desde o primeiro encontro, a co-construção dos critérios de avaliação. Definimos como poderíamos documentar a pesquisa artística, tecendo questões problematizadoras sobre desenvolvimento técnico, artístico e conceitual a partir dos estudos contemporâneos em dança.
2. Ação (Desenvolvimento Semestral): As atividades propostas — como leituras, laboratórios de improvisação, análise crítica de espetáculos e pesquisas de movimento — foram intencionalmente planejadas como material potencial para o Portfólio.
3. Observação e Reflexão (Processo Contínuo): Durante o semestre, foram dedicados momentos em aula não apenas para a pesquisa de movimentos ou discussão de textos, mas para a organização, seleção e análise do material que seria incluído no Portfólio. Utilizamos o portfólio em desenvolvimento para obter uma visão ampla e contextualizada do desempenho acadêmico de cada estudante, permitindo intervenções pedagógicas mais assertivas.

As principais fontes de dados utilizadas na pesquisa-ação foram: registros visuais (fotografias e vídeos) e escritos das práticas artísticas com reflexões conceituais dos



estudantes; diário de bordo docente com os escritos pessoais sobre a implementação da didática do portfólio e por conversas com os/as estudantes sobre os desafios encontrados, percepções reverberadas; feedback sobre os critérios e o desenvolvimento do portfólio, entregues individualmente e com debate em coletividade.

A análise dos dados se deu por meio da observação, focada em identificar como o portfólio contribuiu para o protagonismo e a reflexão sobre o processo de aprendizagem dos estudantes e de como essa escolha viabilizou significativas contribuições para a ação da docência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso do Portfólio no Ensino Superior em Dança é um dispositivo que transforma a avaliação em uma prática reflexiva e autônoma, alinhada à natureza processual e subjetiva da área de Artes. Torna-se uma didática poderosa que promove a autonomia, a reflexão sobre o fazer na formação acadêmica no campo da dança.

O portfólio, enquanto dispositivo avaliativo e pedagógico, demonstrou ser um documento potente para o protagonismo e a autorreflexão do estudante no contexto da *ensinagem* em dança. Longe de ser apenas uma coleção de materiais, a construção do portfólio impulsionou os estudantes a se posicionarem como protagonistas da ação educativa em coletividade. Evidências concretas dessa transformação emergem na criticidade observada em trechos analisados, onde a seleção, organização e materialização dos documentos revelaram um comprometimento e satisfação, embora de bastante demanda na organização, com as experiências vivenciadas.

A necessidade de revisitar registros/produções desse saber da experiência docente, nos impulsiona para estarmos constantemente em ressignificação das práticas pedagógicas. A eficácia do uso de portfólios na dança reside, em grande medida, na sua intrínseca coerência com a natureza processual e efêmera da Dança. Esta linguagem artística é caracterizada por um desenvolvimento contínuo, que extrapola o produto final e se manifesta na gestualidade, no modo como o corpo se reorganiza na investigação.

A inclusão de diversos registros, como anotações reflexivas, documentação visual (fotos) e, sobretudo, em vídeo, provou ser fundamental. Tais mídias permitiram não apenas o registro do desenvolvimento técnico, mas também a documentação das investigações artísticas e conceituais que ocorrem no *locus* da sala de aula.



Os portfólios forneceram uma visão ampla e contextualizada e em profundidade do desempenho de cada estudante, algo que avaliações tradicionais (apenas somativas/quantitativas, objetivas), focadas em resultados isolados, dificilmente conseguiriam abarcar. Essa riqueza de informações — que inclui as escolhas, as hesitações e as reflexões do estudante — possibilitou realizar intervenções muito mais precisas e assertivas, focadas nas necessidades específicas e no estágio de desenvolvimento individual. Consequentemente, o planejamento de ensino sofre rupturas ao deixar de ser um roteiro rígido de conteúdos a serem transmitidos para se configurar como um planejamento de provocações, criando desafios e estruturas que estimulam um compromisso coletivo com o ensino da dança.

O comprometimento educacional carrega consigo os compromissos éticos, políticos e sociais da atividade docente e, mais do que focar apenas no saber, buscamos provocar o aprendiz a desenvolver: um saber o quê, um saber como, um saber porque, e um saber para quê. É um exercício, policiamento constante e consciente de pensarmos um ensino para além do assistir ou dar aulas. Assim, a integração do portfólio no campo da Dança potencializa essa dialética processual que articula os saberes conceituais, procedimentais e atitudinais do corpo em experiência.

A investigação sobre o uso do portfólio na docência em dança revelou sua potência não apenas como um instrumento de avaliação, mas como uma estratégia de reflexão e da formação integral dos estudantes. Ao longo deste estudo a articulação com a noção de *ensinagem* (Anastasiou, 2010) e com o saber da experiência (Larrosa, 2019), demonstraram que o portfólio se configura como um significativo material onde esses conceitos se materializam na prática pedagógica. A *ensinagem* pressupõe uma mediação dialógica onde o ensinar e o aprender caminham imbricados, valorizando a participação ativa do estudante na construção coletiva do conhecimento. O portfólio, nesse sentido, é a ferramenta que formaliza e visibiliza essa mediação, transformando a prática corporal da dança, efêmera por natureza, em um objeto passível de análise e autocrítica.

O principal achado desta abordagem residiu na capacidade do portfólio de capturar o que Larrosa (2019) define como experiência: aquilo que nos passa e nos modifica, e não apenas o que nos acontece. Na dança, o corpo tece inúmeras experiências, e o portfólio é o testemunho que o aluno oferece sobre o que o tocou, o que o desafiou e como ele reconfigurou seu entendimento e sua *ensinagem* nessa formação. O registro reflexivo, seja por escrito, visual ou audiovisual, exige do aluno um movimento de parada (Larrosa, 2019), uma suspensão da ação para a reflexão e materialização sobre o sentido



da prática. Isso o coloca em contato com um saber existencial, que é singular e insubstituível. Essa é a dimensão ética do portfólio: ele valoriza a trajetória, o esforço e a formação pessoal acima da mera técnica ou do resultado final.

A adoção do portfólio impõe uma reconfiguração na prática docente e na própria concepção de avaliação. Em consonância com Anastasiou (2010), o professor deixa a posição de mero transmissor de conteúdo para assumir o papel de mediador e curador do processo de *ensinagem*. A avaliação, conseqüentemente, migra de um ato de fiscalização para um momento de devolutiva dialógica, onde o foco está no desenvolvimento e na autonomia do estudante. O portfólio proporciona evidências significativas e contextualizadas que vão além da prova de desempenho pontual, permitindo ao docente acompanhar a evolução da sensibilidade, do repertório reflexivo e da competência criativa do aluno.

Em suma, o portfólio na dança é mais do que uma pasta de trabalhos; é uma ferramenta de formação humana que integra o rigor da aprendizagem ao profundo saber da experiência. Nessa coletividade de produção de sentidos da experiência, acreditamos que o caminho para uma educação em dança mais significativa passa, inequivocamente, pela valorização do percurso singular mediado, também, por estratégias como o portfólio.

REFERÊNCIAS

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2019.

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate (Org.). **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 9. ed. Joinville: UNIVILLE, 2010.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez Editora, 2022.

